

IONE SALDANHA

Ripas

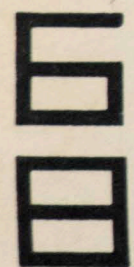
instituto de arte contemporânea



GALERIA BONINO

Rio de Janeiro Brasil

instituto de arte contemporânea



GALERIA BONINO

Rua Barata Ribeiro, 578

Rio de Janeiro

Brasil

IONE SALDANHA, longilínea e doce como uma planta aquática, abandonou misteriosamente a tela em que pintava para uma atividade que não se sabe de onde veio. Com suas vigas e ripas bem cortadas ela reúne como que uma floração de juncos esguios e flexíveis, dêsses que outrora viajantes a cavalo, em busca do próximo pouso, encontravam pelos caminhos de sua, de nossa paisagem nativa. Essas hastes, ela as modula, não através de côres tonalizadas mas numa verdadeira escala de côres que se harmonizam pelos contrastes, e êstes ressoam de espaço em espaço como num ambiente de festa de roça em que as bandeirinhas de papel são substituídas por essas ripas e vigas, ora ajustadas às paredes, ora pendentes do teto. Ela acrescenta qualquer coisa de tribal quando, contemplativa, pára sob os bambuzais do bosque e de lá arranca, como flautas rudes ou velhos tubos de soprar e tocar, bambus em várias espessuras e os pinta em matéria tosca como têmpera, respeitando seus gomos, canhestramente. Ei-los evocados como mastros mágicos, instrumentos rituais de alguma festa de iniciação africana. Ione, como que por uma volta súbita ao mundo da infância, descobre, com tôda a sua civilização atual tão requintada, que veio também de antigas tribos silvestres.

Maio de 1968, MARIO PEDROSA.

São ripas ou são fitas? Têsas ou ondulantes? Báculos ou bambus? Lanças ou bandeiras? São pinturas ou objetos? Decorativas ou místicas? Devem pairar no espaço ou brotar do solo? Devem indicar a verticalidade ou inclinar-se buscando apoio fora de si mesmas? Devem viver isoladas ou em enxames? São juncos solitários ou matagais? Acordes ou dissonâncias? Lembram a África ou o Japão? Os selvagens da Oceania ou os índios do Canadá? São visões de mescalina?

São a afirmação mais aberta, a pergunta mais ampla, a sugestão mais vária que Ione Saldanha já pintou.

Maio de 1968, ALAIR O. GOMES.

